A PARTICIPAÇÃO DOS SUJEITOS NAS PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO

Melissa Silva Moreira Rabêlo, UFMA; Doutora; melissa.rabelo@ufma.br

Coordenadora

Flávia de Almeida Moura, UFMA; Doutora; flavia.moura@ufma.br;

Letícia Conceição Martins Cardoso, UFMA; Doutora; leticia.cardoso@ufma.br.

Ed Wilson Ferreira Araújo, UFMA; Doutor; ed.wilson@ufma.br.

RESUMO

O papel dos sujeitos como meio e mediadores no campo da pesquisa em Comunicação é o tema central da mesa redonda que congrega pesquisadores para a troca de experiências e saberes sobre modos de pesquisar. Levamos em consideração o protagonismo dos sujeitos nos processos de construção dos objetos de investigação bem como o exercício dialógico da pesquisa de campo. Isso se deve ao processo de incorporação e experiência dos sujeitos (pesquisadores e pesquisados) nos seus espaços de socialização; que participam, de forma direta ou indireta, na elaboração prática da produção do conhecimento científico que têm como base abordagens epistemológicas mais abrangentes. A ideia é trocar experiências de investigações que levam em consideração a agência desses sujeitos (pesquisados) na construção de saberes tradicionais e científicos, dando ênfase e um lugar mais central a essas vozes na academia.

Palavras-chave: 1.Comunicação.2. Participação. 3.Sujeitos. 4.Trabalho de campo.

ABSTRACT

The role of subjects as means and mediators in the field of research in communication is the central theme of the roundtable that brings together researchers to exchange experiences and knowledge about ways of researching. We take into account the protagonism of subjects in the processes of construction of research objects as well as the dialogic exercise of field research. This is due to the process of incorporation and experience of the subjects (researchers and researched) in their socialization spaces; that participate, directly or indirectly, in the practical elaboration of the production of scientific knowledge based on broader epistemological approaches. The idea is to exchange research experiences that take into account the agency of these subjects (researched) in the construction of traditional and scientific knowledge, giving emphasis and a more central place to these voices in academia.

Keywords: 1.Communication. 2.Participation. 3.Subjects. 4.Fieldwork.

USO DO QUESTIONÁRIO NO BANCO DE LEITE HUMANO DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DA UFMA COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO E DE DIVULGAÇÃO DA IMAGEM INSTITUCIONAL.

Melissa Silva Moreira Rabêlo[1]

RESUMO: O artigo inicia com a apresentação do campo de estudo, o banco de leite humano do hospital universitário da UFMA e a necessidade de comunicar a imagem institucional do setor. Segue mostrando a necessidade de realizar pesquisa de campo com aplicação de questionário junto ao seu público externo e finaliza apresentando uma proposta de utilizar o questionário também como instrumento de reflexão e divulgação da imagem institucional.

Palavras-chave: banco de leite humano; imagem institucional; questionário

ABSTRACT:The paper begins with the presentation of the organization human milk bank of the university hospital- UFMA and the necessity to communicate the institutional image of the sector. It goes on to show the need to carry out field research with the application of a questionnaire and concludes by presenting a proposal to use the questionnaire as an instrument for reflection and dissemination of the institutional image.

Keywords:human milk bank; institutional image; questionnaire

1.INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe apresentar uma proposta de utilização do questionário como instrumento de pesquisa, reflexão e de fortalecimento de imagem institucional para o planejamento de comunicação do Banco de Leite Humano do Hospital Universitário da Universidade Federal – BLH/HUUFMA.

O Banco de Leite Humano da Unidade Materno Infantil do Hospital Universitário da UFMA, localizado na Rua dos Prazeres, em São Luís - MA, foi criado no ano de 1999, somente um ano após a criação da Rede de Bancos de Leite no Brasil pelo Ministério da Saúde e pela Fundação Oswaldo Cruz. O HUUFMA possui o propósito de “Educar e cuidar para transformar vidas” e, para isso, apresenta uma proposta de ensino de qualidade, pesquisa, extensão e inovação tecnológica para que, além de

[1]Doutora em Políticas Públicas, professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação/Mestrado Profissional da UFMA. E-mail: melissa.rabelo@ufma.br

formar profissionais de excelência, possa oferecer aos usuários do SUS atendimento de alta complexidade.

Apresenta-se aqui uma etapa do projeto de extensão iniciado em 2018 e interrompida em 2020 em virtude da pandemia mundial da Covid-19, “campanha ..”, através de uma pesquisa realizada no campo. As ações constantemente planejadas e executadas ao longo desse período, proporcionaram diversas intervenções metodológicas, capazes de orientar as todas as ações propostas ao longo do projeto de extensão.

No entanto, para este artigo propõe-se apresentar a mais recente, realizada em novembro de 2020, através de aplicação de questionários estruturados junto ao público externo do setor, capazes de orientar a equipe quanto ao cenário posto e quanto às ações adequadas a serem desenvolvidas.

2 O CAMPO DE ESTUDO: O BLH-HU/UFMA

É relevante nesse momento, apresentar o campo de estudo no qual desenvolve-se o caminho metodológico aqui proposto. Para isso, torna-se necessário compreender a trajetória de formação dos bancos de leite humano no Brasil e no Maranhão, com um pequeno resgate histórico sobre o serviço.

As campanhas e ações de incentivo à doação de leite humano representam parte importante das políticas públicas em saúde que colocam o Brasil como referência internacional no assunto. Devido ao amplo alcance e à complexidade do funcionamento da Rede de Bancos de Leite Humano do Brasil-rBLH, em 2001, a Organização Mundial de Saúde (OMS) a reconheceu como iniciativa que mais reduziu o índice de mortalidade infantil no mundo (GOVERNO DO BRASIL, 2020).

A rBLH é a primeira rede temática do Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro; maior e mais complexa Rede de Bancos de Leite Humano do mundo; núcleo da Rede Global de Bancos de Leite Humano; e sede das Redes Regionais, da Iberoamericana, da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), do Mercosul e do BRICS (Série Documentos - rBLH em Dados, 2020).

Configura-se como ação estratégica da Política Nacional de Aleitamento Materno, regida pela Portaria nº 2 193, de 14 de setembro de 2006, e está sediada na Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Em números, apresenta:

224 bancos de leite humano (BLH) distribuídos em todos os estados do território nacional, alguns com coleta domiciliar, e 214 postos de coleta de leite humano (PCLH).

Fonte: Fonte: https://rblh.fiocruz.br/rblhbrasil

O Banco de Leite Instituto Fernandes Figueira foi a primeira unidade de funcionamento da rBLH. A instituição surgiu com o objetivo de prestar assistência em situações em que os suplementos alimentares para bebês não apresentavam respostas satisfatórias, a exemplo de casos de prematuridade. Com o aumento da procura, surgiu a necessidade de ampliar o programa e, consequentemente, inserir a coleta de leite.

No começo da década de 1980, foi implantado o Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno (ALMEIDA, s.d). Com ele, vieram movimentos sociais de estímulo à amamentação e a necessidade de estruturar uma quantidade de Bancos de Leites para dar conta do público-alvo que precisava de assistência. Mas, por outro lado, o aumento do número de BLHs foi permeado de problemas relacionados à qualidade de operacionalização e à biossegurança. Portanto, a ação de coletar leite tornou-se um risco à saúde; seus resultados não eram promissores e, o próximo passo para restabelecer esse serviço se deu com a normalização dos procedimentos, que assegurou rigores técnicos e controle de qualidade ao funcionamento dos bancos de leite.

Nesse contexto, a estrutura que o Banco de Leite Fernandes Figueira tem atualmente, foi resultado de incentivos tecnológicos como solução para melhorar ou solucionar os problemas do mais antigo BLH. A sua desconstrução o levou a se tornar posto de referência em qualidade e aprimoramento tecnológico, fomentando o surgimento de outros bancos de leite no Brasil.

Esse histórico de desenvolvimento do Instituto Fernandes Figueira garantiu o papel estratégico da rBLH na coleta e distribuição do leite materno, com qualidade

certificada e transformação de problemas operacionais em novas possibilidades de avanço tecnológico. Como ferramenta para alcançar sua missão, a rBLH utiliza a mobilização social e estrutura suas ações e projetos em torno de duas datas principais: “Dia Mundial de Doação de Leite Humano” (19 de maio) e “Semana Mundial da Amamentação” (que acontece na primeira semana de agosto).

O Banco de Leite Humano no Maranhão existe em três, dos duzentos e dezessete municípios que compõem o estado, localizados nas cidades de Caxias, Imperatriz e na capital, São Luís. Na cidade de Caxias, começou a funcionar no ano de 2005 no Hospital Municipal Materno Infantil, mas só possui relatório de produção a partir de 2006, e esse BLH tem como ponto de coleta de leite humano, a Maternidade Carmosina Coutinho; o BLH no Hospital Municipal Materno Infantil Sinhá Castelo é o de Imperatriz, no Hospital Regional Materno Infantil, implantado em 2001, entretanto há registro de produção apenas a partir de 2006. O último relatório, relativo a setembro de 2020 revela considerável melhora nos índices de atendimento individual e visita domiciliar; e em São Luís, existem dois, sendo um no Hospital e Maternidade Marly Sarney, Maternidade de Alta Complexidade, e está em funcionamento desde 1988, sendo este, o primeiro no estado. Apesar de ter tido seus serviços interrompidos durante muitos anos e retomados recentemente, esse BLH é reconhecido pela Rede Global de Banco de Leite do Brasil como referência no Maranhão; e o outro banco de leite humano da capital é o do Hospital Universitário da UFMA – Unidade Materno Infantil, que foi implantado em dezembro de 1999 (em funcionamento desde então), e, através do portal Rede Brasileira de Banco de Leite Humano, podemos encontrar relatórios de produção desde o ano 2006 até setembro de 2020. No mês de abril de 2019, por exemplo, a coleta de leite humano foi de 621L, já em abril de 2020 esse número caiu para 103,4L.

Ao analisarmos os dados encontrados nos registros dos relatórios, podemos observar uma estabilidade na coleta do leite ao longo de todos os anos, tendo um aumento significativo nos meses de agosto, setembro, outubro e novembro. Podemos interpretar esse aumento como um resultado da Campanha Agosto Dourado, que tem o objetivo incentivar a doação do leite materno em todo país, desde 1991.

3. PROCEDIMENTOS ADOTADOS

Como pode ser observado, os bancos de leite humano desenvolvem importante e essencial serviço de saúde pública no Brasil e no Maranhão, no qual pode ser reflexo de uma sociedade mais saudável, acarretando menores investimentos em tratamentos de doenças pelo poder público, devido ao trabalho preventivo realizado pelos BLH´s.

Assim para desenvolver o planejamento da comunicação institucional do BLH-HU/UFMA, tornou-se fundamental conhecer a percepção da imagem que seus públicos estratégicos tinham sobre ele.

> Por imagem, deve-se entender aquilo que a empresa deseja projetar. Diferencia-se, portanto, da identidade. Identidade é o caráter, o conceito básico, a personalidade da organização. A imagem é a extensão (a sombra) dessa identidade. (Torquato, 2003, p. 163)

É possível compreender que a imagem também está correlacionada ao conhecimento, por parte de seus públicos, dos serviços prestados pelo BLH, assim como os reflexos e consequências à saúde pública, em virtude das vantagens e benefícios do aleitamento materno, principal enfoque do setor, disseminados através de diversas ações e campanhas comunicacionais, tanto nacionais, quanto locais.

Sabe-se que “a primeira fase da pesquisa empírica é constituída por operações de caráter totalmente teórica feitas sempre em função do fenômeno de comunicação que se quer investigar” (LOPES, 2003, pág. 137). Dessa forma, compreender se os públicos de interesse do BLH- HU/UFMA sabem os propósitos da organização, através da imagem percebida pelos mesmos, orientou nossa jornada metodológica aqui apresentada. Para Kenneth Bouding, em seu livro *The Image*”, de 1956

> Imagem está definida como o todo de todas as percepções sensoriais e da inter-relação de pensamento associado com uma entidade antes de uma individual. Uma imagem é uma abstração, uma simplificação de realidade pelo indivíduo de forma que ele pode pensar na totalidade da entidade em questão (BOUDING, *apud* ENIS, 1967, p. 51)

Assim, seguindo as fases metodológicas apontadas por LOPES (2003), após definido o objeto, seguimos para a fase da observação, onde as técnicas de investigação foram definidas, compreendendo que o trabalho empírico necessita de

um tratamento reflexivo das evidências observadas, através de técnicas de pesquisa adequadas.

A pesquisa abrangeu diversos públicos de interesse do BLH-HU/UFMA, dentre eles o público interno (funcionários e colaboradores diretos), público misto (doadoras fixas registradas na lista fornecida pelo setor à época e apoiadores) e o público externo (comunidade em geral). Esse último, no qual será relatado nesse artigo , foi composto por mães lactantes que nunca foram usuárias dos serviços do BLH, mães não-lactantes, homens, mulheres sem filhos e sociedade em geral, escolhidos de forma aleatória entre amigos, familiares e conhecidos dos integrantes da equipe de execução da pesquisa, das mais variadas profissões, faixas etárias, classe econômica, poder aquisitivo, nível educacional, etc. A pesquisa foi aplicada em novembro de 2020 e, em 04 dias, obteve-se retorno de 85 participantes, podendo, em algumas perguntas, haver uma variação na quantidade de respostas. O objetivo era saber o quanto a pessoa conhecia o Banco de Leite Humano do Hu-UFMA e as questões que envolvem a causa do aleitamento materno.

Assim, optou-se pela pesquisa quali-quanti, através da elaboração de um questionário estruturado como também fonte de informação, subdivido em 04 eixos: 01) Identificação, 02) Sobre o BLH-UFMA, 03) A causa e outros aspectos e 4) A Comunicação do BLH-UFMA. A opção por essa estrutura se deu para facilitar o agrupamento de questões comuns e, também, facilitar o entendimento por parte dos pesquisados, totalizando 18 perguntas.

Vale ressaltar que, em virtude do distanciamento social durante o desenvolvimento da pesquisa, foi necessário adotar o formulário Google, no qual o questionário era enviado via aplicativo de mensagens de forma online, não permitindo contato presencial entre pesquisadores e os participantes. Apesar de termos sido “obrigados” a adotar tal estratégia, é importante considerar que as abordagens tradicionais de coleta de informações, como entrevistas presenciais, telefone e questionários impressos, nem sempre conseguem gerar um retorno rápido e com menores custos, além de não acompanharem a tendência tecnológica e dinâmica das populações.

Dessa forma, cada eixo tinha quantidade diferente de perguntas, não ultrapassando 05. Também foi observado o total de perguntas no questionário para que não se tornasse cansativo para os pesquisados, mesclando perguntas abertas e fechadas (múltipla-escolha).

Assim, tem-se no eixo 01 perguntas abertas e fechadas relacionadas a faixa etária, nível de escolaridade, profissão e estado civil. No eixo 02 perguntas fechadas relacionadas ao entendimento dos participantes sobre a exclusividade do aleitamento materno na dieta do bebê, sobre o conhecimento das ações de comunicação promovidas pelo BLH-UFMA, sobre a disponibilidade em ser doadora para as mães lactantes, o que impediu de não ser e se já haviam contribuídos de outra forma para BLH-UFMA. No eixo 03 as questões estavam relacionadas ao conhecimento das influências dos aspectos sociais, culturais e econômicos e o aleitamento materno, sobre se conheciam a relação entre o meio ambiente, os aspectos trabalhistas e a proteção social equânime de mães e pais em licenças remuneradas e o aleitamento materno e, ainda, sobre o entendimento/percepção acerca da amamentação em local público. Por fim, através de perguntas abertas o eixo 04 abordava se conheciam o BLH-UFMA, como conheceu e sugestões de como tornar o BLH-UFMA mais conhecido.

4. QUESTIONÁRIO: MAIS QUE UM INSTRUMENTO METODOLÓGICO

Sabe-se da fragilidade e, até mesmo, dos erros amostrais e não-amostrais que envolvem a aplicação de questionários, desde de questionários de dados mal elaborados, com questões tendenciosas ou dúbias, até a escolha e/ou o uso incorreto de escalas de medição. No entanto, o mesmo se apresenta como instrumento importante para a pesquisa científica, especialmente nas ciências sociais. Parasuraman (1991) afirma que construir questionários não é uma tarefa fácil e que aplicar tempo e esforço adequados para a construção do questionário é uma necessidade, um fator de diferenciação favorável.

O questionário então foi elaborado levando em consideração os objetivos pretendidos com a pesquisa, considerando todas as técnicas indicadas, assim como

uma forma de apresentar para os pesquisados questões que envolviam o aleitamento materno e o ambiente social, mas que não eram frequentemente relacionadas. Fez-se com que os mesmos se questionassem acerca de assuntos importantes como questões ambientais, trabalhistas e econômicas e sua relação com o banco de leite humano. A intenção na elaboração das perguntas perpassava, também, pelo despertar de cada pesquisado acerca daqueles assuntos, o que poderia não ser percebido antes. Assim, esse instrumento de pesquisa torna-se também instrumento de reflexão e conhecimento, pois promove para aquele grupo de pesquisados o entendimento de algo que antes não era facilmente reconhecido nas ações de comunicação dos bancos de leite humano e, até mesmo, na comunicação em saúde pública de uma maneira geral. Vale ressaltar que para que este questionário fosse elaborado, foi necessária ampla pesquisa bibliográfica e documental sobre os propósitos dos BLH´s no Brasil, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS´s) da Organização Mundial da Saúde (OMS), as diretrizes do Ministério da Saúde relacionados à questão do aleitamento materno e, sobre, a realidade local, especificamente do BLH-HU/UFMA.

O grupo de participantes dessa pesquisa torna-se, portanto, potencial divulgador/questionador dos problemas e questões relacionadas entre o meio ambiente e o aleitamento materno, por exemplo, quando é perguntado no Eixo 03, pergunta 11: *A amamentação pode afetar diretamente o meio ambiente quando pautamos a produção, armazenamento e distribuição de produtos que viabilizam métodos de aleitamento não naturais, como fórmulas, papinhas, mamadeiras, bicos etc. Sobre a relação entre a amamentação e meio ambiente, eu:*

Com perguntas como essa, o pesquisador provoca o pesquisado a questionar o seu papel diante daquele cenário e de que forma atua ou pode atuar para sua mudança. Essa provocação segue quando se colocam opções de respostas como:

( ) Nunca pensei a respeito dos impactos negativos causados ao meio-ambiente por consequência dos métodos de amamentação alternativos ao leite materno.

( ) Mesmo sabendo a respeito dos impactos negativos, não consigo pensar em modos sustentáveis e acessíveis para mudar a situação.

( ) Reconheço os impactos ambientais mas acredito que seja o preço a se pagar para assegurar que o bebê seja bem alimentado e nutrido.

( ) Reconheço os impactos ambientais e por isso acredito que o leite materno seja a opção mais sustentável.

Seguindo esse modelo, questões relacionadas à economia e aleitamento materno, também são expostas na pesquisa. Assim temos, ainda no eixo 03, pergunta 12: *A interrupção da amamentação custa diariamente quase R$ 3,76 bilhões à economia mundial. Isto porque a falta de acesso à serviços de saúde e a desigualdade de gênero, dentre outros fatores, resultam na queda da produtividade das mães lactantes em seus ambientes de trabalho e em altos custos com a saúde do bebê (resultado da falta de nutrientes encontrados no leite materno) e da mulher. Você alguma vez já considerou o impacto econômico mundial e familiar causado pela falta do leite materno na alimentação do bebê?*

Assim, o participante, independentemente de ser lactante, mulher ou mãe, passa a ter informações consistentes quanto o impacto econômico causado pela interrupção do aleitamento materno e os impactos ambientais, através de dados consistentes. Diante do exposto, o mesmo é chamado para refletir sobre sua atuação diante do problema:

( ) Sim, tenho consciência de que a interrupção da amamentação pode acarretar em futuros problemas de saúde e na queda da produtividade de mães lactantes, gerando gastos a família e ao estado.

( ) Sim, porém nunca imaginei que a dimensão do impacto financeiro causado pela interrupção da amamentação teria tamanha proporção.

( ) Não, nunca tive acesso a esse tipo de informação, logo não sabia a respeito dos impactos econômicos gerados através da interrupção da amamentação.

No eixo 02, que aborda questões relacionadas aos serviços do banco de leite humano propriamente dito, na questão 06, chama-se atenção para o leite materno como alimento fundamental para os bebês, com a seguinte pergunta: *O aleitamento*

materno é a alimentação ideal para todas as crianças. Devido a sua composição de nutrientes é considerado um alimento completo e de fácil digestão para garantir o crescimento e desenvolvimento saudável do bebê. A respeito da amamentação do bebê, você considera que:

Assim, através desse enunciado já é posto aos participantes que o leite materno é muito importante para avida dos bebês, o que fortalece para o grupo o principal serviço prestado pelos BLH´s, a conscientização sobre a importância de amamentar os bebês com leite materno, evitando, quando possível, as fórmulas industrializadas.

Mais uma vez, o pesquisado é chamado a refletir sobre o que pensa nessa situação:

( ) Se possível, o leite materno deve ser a única fonte de alimentação do bebê até os seis meses.

( ) Mesmo havendo leite materno disponível, pode-se alternar a alimentação do bebê entre o leite da mãe e fórmulas prescritas.

( ) Acho que o leite materno não faz diferença na alimentação do bebê, podendo facilmente ser substituído por fórmulas e papinhas artificiais.

Seguindo essa compreensão de que o questionário poderia atuar também como instrumento de conscientização sobre as questões relacionadas ao BLH Hu-UFMA, algumas outras perguntas se estruturaram dessa forma, mescladas com perguntas mais objetivas e curtas, como no eixo 01, de identificação:

Faixa etária:

( ) Entre 15 e 20 anos

( ) Entre 20 e 30 anos

( ) Mais de 30 anos

5. CONCLUSÃO

Conforme o exposto, pode-se observar que é possível que o questionário, além de cumprir com a função de fazer uma coleta de dados/informação acerca de

determinada realidade, pode ser um instrumento capaz de causar reflexão, informar, provocar o pesquisado e, ainda, ser um ponto de contato da comunicação institucional de uma determinada organização com os seus públicos estratégicos. Esse torna-se espaço de transformação de si e de novas experimentações tanto do pesquisador, quanto do pesquisado.

Gatti (2002) destaca que o conhecimento oriundo das reflexões e pesquisas científicas se socializa em um determinado tempo histórico construído nas relações sociais concretas, o que seleciona aspectos dessa produção no seu processo de disseminação, apropriação e consolidação. Contudo, as relações sociais são permeadas por diversos vínculos, instrumentos, percepções, etc, construídas através de contatos com os outros e com as coisas.

O questionário aplicado nessa pesquisa obteve recortes da realidade concreta, assim como proporcionou algo além disso. Estabeleceu vínculos entre o banco de leite humano da UFMA e o público em geral através da exposição de sua causa e as relações que a mesma estabelece com o campo social. As questões de múltipla escolha podem sim apresentar apenas um recorte dessa realidade, porém já suficientes para iniciar a reflexão. Assim, ao discorrer sobre a genealogia do poder em Foucalt, VENTURA (2012) nos lembra que o “sujeito não é constituinte da verdade, mas, pelo contrário, é sempre constituído por ela, como um efeito das relações de poder-saber que engendram discursos verdadeiros a respeito de si”.

O BLH, um setor do hospital universitário da UFMA que promove saúde através da prática do aleitamento materno, desenvolvendo uma série de ações junto à comunidade e às mães pacientes da unidade Materno Infantil, teve na proposta relatada aqui, a possibilidade de ampliar o conhecimento, promover o debate sobre essa causa e fortalecer sua imagem institucional junto a mães não pacientes, famílias, homens e mulheres, tornando-se sujeitos através da pesquisa realizada. Dessa forma, o questionário passou a ser elemento de interação, com potencial de conscientização, junto aos pesquisados colaborando significante com a causa do aleitamento materno.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Ana Carolina Petrolini et al. **A Vivência da Amamentação em "Mães de Primeira Viagem"**. In: Mudanças- Psicologia da saúde. Acesso em: 03 de novembro 2020. Disponível em: https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/MUD/article/view/633

Brasil é referência em doação de leite materno. GOVERNO DO BRASIL, 2020. Disponível em: https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/02/brasil-e-referencia-em-doacao-de-leite-materno. Acesso em: 03 de novembro de 2020.

ENIS, B. M. **An analytical approach to the concept of image: a three-dimensional model encompasses image characteristics of any entity and thus can be applied to thestudy of all images**. California Management Review, [S.l.], Summer, p. 52-58, 1967.

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, 2002.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em comunicação**. 7 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

NETO, Corintio Mariani**. Importância do Agosto Dourado**. Revista FEMINA (Publicação Oficial da Federação Brasileira de Associações de Ginecologia e Obstretícia. Volume 47, nº 8, 2019. Disponível em: https://www.febrasgo.org.br/media/k2/attachments/Vol.Z47ZnZ8Z-Z2019Z-ZAgostoZDourado.pdf. Acesso em: 03 de novembro 2020.

PARASURAMAN, A. **Marketing research**. 2. ed. Addison Wesley Publishing Company,1991.

RBLH, 2020. Disponível em: http://www.redeblh.fiocruz.br. Acesso em: 03 de novembro de 2020.

VENTURA, Rodrigo. **A psicanálise e o cuidado de si: entre a sujeição e a liberdade.** Rio de Janeiro. V.3, n-2, julho-dezembro, 2012.

PESQUISA EM COLABORAÇÃO: notas sobre a participação dos sujeitos durante todas as etapas da investigação em tempos de pandemia

Flávia de Almeida Moura[2]

RESUMO

Este artigo tem como objetivo relatar uma experiência de pesquisa em colaboração numa perspectiva de construção coletiva desde a problematização do estudo, passando pelas etapas do trabalho de campo, até a produção de materiais capazes de promover intervenções sociais na luta pelo combate ao trabalho escravo contemporâneo no Maranhão. Os relatos fazem parte de alguns caminhos percorridos durante o desenvolvimento do projeto de pesquisa Comunicação, Migração e Trabalho Escravo Contemporâneo: trajetórias de trabalhadores e trabalhadoras da Baixada Maranhense, sobretudo na construção coletiva de uma campanha radiofônica e uma cartilha paradidática voltada às escolas quilombolas da região investigada, ambos produtos com o objetivo de sensibilização sobre a questão da escravidão contemporânea bem como sobre os fluxos migratórios desta região do Maranhão para outros estados brasileiros em busca de trabalho e que, muitas vezes, acabam submetendo trabalhadores a condições degradantes.

Palavras-chave: Pesquisa em colaboração. Trabalho de campo. Escravidão contemporânea. Pandemia.

ABSTRACT

The objective of this article is to relate a research experience in collaboration with a perspective of collective construction from the problem of study, passing through the stages of field work, including the production of materials capable of promoting social interventions in the fight against contemporary work. Maranhão. The stories are part of some paths taken during or development of the research project Communication, Migration and Contemporary Escravo Labor: costumes of workers and workers of Baixada Maranhense, overhauled by the collective construction of a radio-broadcasting school charter campaign investigated, both produtos as objective of sensitization on the question of contemporary escravidão as well as on the migratory flows of this Maranhão region for other Brazilian states in search of work and that, many times, end up submerging workers in degrading conditions.

K**eywords:** Research in collaboration. Field work. Contemporary escravidão. Pandemic.

[2] Doutora em Comunicação, professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação/Mestrado Profissional da UFMA. E-mail: flavia.moura@ufma.br

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de apresentar algumas experiências de pesquisa em colaboração(MARQUES; GENRO, 2016) no contexto do projeto de pesquisa intitulado *Comunicação, Migração e Trabalho Escravo Contemporâneo: trajetórias de trabalhadores e trabalhadoras da Baixada Maranhense*[3]. A ideia é refletir a partir da participação dos sujeitos (pesquisadores e pesquisados) em todas as etapas da pesquisa: desde a problematização, durante todas as etapas do trabalho de campo, chegando até a produção de materiais capazes de promover intervenções sociais na luta pelo combate ao trabalho escravo contemporâneo no Maranhão.

Neste artigo, centramos a análise nos processos de construção coletiva de uma campanha radiofônica e de uma cartilha paradidática voltada às escolas quilombolas da região investigada (Baixada Maranhense); ambos produtos com o objetivo de sensibilização sobre a questão da escravidão contemporânea bem como sobre os fluxos migratórios desta região do Maranhão para outros estados brasileiros em busca de trabalho e que, muitas vezes, acabam submetendo trabalhadores a condições degradantes.

O objetivo principal do projeto de pesquisa supracitado, escrito antes da pandemia da Covid-19, é de traçar trajetórias de vida de trabalhadores e trabalhadoras rurais maranhenses, com ênfase na região da Baixada Maranhense, local de grande incidência de saída de pessoas para trabalhar em outras regiões do país e que acabam sendo submetidas a condições análogas à de trabalho escravo.[4]

Este objeto de pesquisa foi construído de forma coletiva durante trabalhos de campo anteriores junto a migrantes maranhenses resgatados do trabalho escravo contemporâneo que não se auto-representavam como escravos ou mesmo

[3] O projeto é coordenado pela autora do artigo, tem financiamento da FAPEMA (Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico no Maranhão), com vigência de 2020 a 2022. Participam da pesquisa dois bolsistas de iniciação científica e demais pesquisadores voluntários de graduação e pós-graduação da UFMA (Universidade Federal do Maranhão).

[4] Trabalho escravo é crime e está previsto no Artigo 149 do Código Penal Brasileiro. Nesta comunicação, utilizaremos as terminologias condições análogas à de escravos, escravidão contemporânea ou mesmo trabalho escravo contemporâneo para tratar do mesmo fenômeno. (MOURA, 2009; ESTERCI, 1994).

naturalizavam essa condição de sujeição (CARNEIRO; MOURA, 2008; MOURA, 2016). Com essa constatação, entendemos que para compreendermos a complexidade deste fenômeno, seria interessante investir em trajetórias de vidas de trabalhadores e trabalhadoras para adentrar em suas vidas e percebermos de que formas esses sujeitos acabam passando por condições degradantes de trabalho, bem como investigarmos as principais causas que os levam a essas situações.

Com a pandemia da Covid-19, alastrada desde março de 2020, ficamos impossibilitados de fazer o trabalho de campo presencial proposto no projeto de pesquisa, a ser realizado em quatro municípios maranhanses: Penalva, Viana, Pinheiro e Santa Helena, e partimos para o contato com os mediadores do movimento social para adentrarmos no campo da pesquisa, de forma remota. Recorremos aos representantes da CPT (Comissão Pastoral da Terra), MIQCB (Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu do Maranhão, Pará, Tocantins e Piauí), do MOQUIBOM (Movimento dos Quilombolas do Maranhão) e da ABRAÇO (Associação Brasileira de Rádios Comunitárias) – Regional Maranhão e começamos a realizar conversas sobre a problemática na região da Baixada Maranhense.

As reuniões online, via Plataforma do Google Meet, ocorridas durante 2020 com os representantes das entidades que atuam na região investigada resultou em várias atividades junto a esses sujeitos, que serão relatadas neste artigo; sendo que algumas delas estão em pleno andamento.

2 CONSTRUINDO MODOS DE PESQUISAR A PARTIR DO DIÁLOGO

Como conseguir adentrar no universo da realidade pesquisada de forma online? Antes dessa experiência que iremos relatar aqui, não acreditávamos nesta possibilidade de pesquisa uma vez que as experiências anteriores nos trouxeram cada vez mais a necessidade de convívio e cumplicidade junto aos sujeitos pesquisados.

Mas com a necessidade de não parar de pesquisar e realizar trabalhos de campo, lançamo-nos numa aventura de “encontrar” com as pessoas de forma remota para começar a entender até mesmo o que estava acontecendo na região que pretendíamos investigar. No início da pandemia da Covid-19, entre abril e maio de

2020, todos ainda muito assustados e com as incertezas do dia a dia, tivemos dificuldades de adentrar neste universo de forma online. Além da falta de acesso à internet ou mesmo devido à precariedade do mesmo, os agentes do movimento social estavam cuidando da sobrevivência das comunidades rurais, em meio a projetos de distribuição de cestas básicas e tentando viabilizar os acessos ao auxílio emergencial do governo federal, que pouco chegou na região.

Respeitamos esse momento e recuamos. Passados alguns meses, entre agosto e setembro de 2020, em contato periódico via WhatsApp com algumas lideranças, nos foi oportunizado um encontro online com alguns representantes de movimentos sociais com inserção na Baixada Maranhense interessados em um dos materiais que sugerimos anteriormente para a construção coletiva. Tratava-se da campanha radiofônica de sensibilização e combate ao trabalho escravo, mais tarde batizada de *Trabalho certo: mesmo na precisão, não caia na escravidão*.

Na ocasião, os representantes da CPT e do MOQUIBOM nos informaram sobre os impactos da pandemia nas comunidades e nos fluxos migratórios sazonais dos trabalhadores, que haviam voltado para casa antes do tempo previsto devido ao trabalho interrompido e, em alguns casos, sendo o vetor de infecção de comunidades rurais com o novo coronavírus; isto é, trazendo o vírus de outros estados brasileiros para o interior do Maranhão.

A partir de então, iniciamos rodadas de conversa online, via Google Meet, entre representantes da CPT, MIQCB, MOQUIBOM e ABRAÇO (Associação Brasileira de Rádios Comunitárias) – Regional do Maranhão e começamos a construir a campanha radiofônica com o objetivo de sensibilizar os trabalhadores e trabalhadoras sobre os seus direitos bem como alertando acerca das ofertas de trabalho fora do estado e a necessidade da migração, muitas vezes em precárias condições de transporte e de trabalho nos destinos; principalmente nos estados de São Paulo, Paraná, Mato Grosso, Minas Gerais e Pará. A campanha foi lançada em junho de 2021, de forma online, e atualmente circula em rádios comerciais e comunitárias da região. Essa inserção deve acontecer, pelo menos, até dezembro de 2021.

No dia do lançamento, 23 de junho de 2021, após a fala de alguns representantes do MOQUIBOM, iniciamos as discussões para a confecção de uma

cartilha paradidática voltada às escolas quilombolas sobre a importância dos jovens conhecerem e permanecerem nos seus locais de origem. A cartilha, uma demanda dos sujeitos pesquisados, está em fase de elaboração coletiva junto a algumas lideranças de comunidades quilombolas da região e educadores ligados às redes públicas de ensino municipais e estadual, e tem previsão para ser lançada em dezembro de 2021. Três reuniões online já aconteceram para as discussões acerca das principais temáticas a serem tratadas no material bem como formatos de utilização (impresso e digital) junto a educadores e educandos bem como junto a lideranças comunitárias nas formações de base dos movimentos sociais participantes.

Pamela Marques e Maria Genro (2016) no artigo *Por uma ética do cuidado: em busca de caminhos descoloniais para a pesquisa social com grupos subalternizados* nos proporcionou uma visão profunda sobre as formas de como se observa, se trata, reflete, evidencia, descreve o mundo social a partir de uma perspectiva cuidadosa e não violenta a realidade do sujeito subalterno, mas trazendo-o como parte deste empreendimento. Para elas, a pesquisa cuidadosa é,

> [...] mais do que apontar molduras prontas às quais ajustar a matéria a ser apreendida durante a pesquisa social, refletir sobre as preocupações com que se empreende o caminho da pesquisa, sodando algumas formulações epistêmicas interessantes que se refletem em posturas éticas-metodológicas mais sensíveis (MARQUES; GENRO, 2016, p.324).

Ou seja, o desafio que lançamos neste experiência aqui narrada é romper com a questão antiética da pesquisa com o subalterno[5] no exercício de tornar a fala deste 'outro visível' sem que o pesquisador seja a única fonte de reconhecimento discursivo no que tange à emancipação de falar e ser ouvido.

Entendemos que respeitar o momento daqueles sujeitos diante do que estavam passando em decorrência da pandemia da Covid-19 foi fundamental para que pudéssemos voltar a conversar no momento oportuno e construirmos, juntos, uma estratégia de enfrentamento da realidade investigada a partir da sensibilização de trabalhadores sobre as condições degradantes de trabalho bem como os riscos de migrar em tempos de pandemia.

[5]Para o conceito de subalterno, ver Gayatri Chakravorty Spivak, Pode o subalterno falar?, Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010.

Sobre a pesquisa em colaboração, as autoras apontam algumas características principais como (1) a autoria do reconhecimento, (2) o compartilhamento do conhecimento dialógico e (3) a autorização do conhecimento produzido a partir de convergência constante no processo de elaboração.

> [...], um sujeito consciente da complexidade dos mecanismos que agem sobre si (ou consigo) quando interpela o social é capaz de produzir pesquisa cuidadosa, ou seja, aquele que não descuida do que pesa sobre as decisões que, como, cientistas sociais, tomamos antes, durante e depois de ir a campo, escapando tanto do racionalismo dogmático quando do relativismo ingênuo (MARQUES; GENRO, 2016, p.327).

Desta feita, o pesquisador observa a realidade objetiva não só como algo disciplinado ou dado a partir de sua experiência acadêmica, mas também através da objetivação das coisas em uma perspectiva conjunta com o sujeito pesquisado, que perpassa de um olhar singular.

Segundo Marques e Genro (2016), a escuta é algo que depende da forma interacional com o sujeito pesquisado. Exemplo prático temos, principalmente, os contextos das palavras similares com múltiplas significações, mas com contextos antagônicos culturalmente. Para essas palavras, por mais que ouvimos várias vezes e pedimos explicações, elas só podem ser apreendidas à medida que vivenciamos o mundo prático das mesmas; e conviver o mundo prático dessas palavras é envolver-se com a escuta do outro como uma escuta dinâmica que vai além da nossa.

Como um exemplo interessante sobre essa escuta em nossas pesquisas, trazemos o termo *precisão*, identificada por MOURA (2009) durante trabalho de campo da pesquisa do mestrado[6], quando entrevistou vários trabalhadores rurais maranhenses que diziam de forma recorrente que só 'caíam na escravidão, quando estavam na *precisão*". Com o passar do tempo e uma escuta mais apurada,conseguimos identificar a categoria nativa que se referia a uma necessidade financeira extrema ligada à falta de oportunidade de trabalho digno. Na pesquisa atual, o termo precisão volta para compor o slogan da campanha radiofônica *Trabalho certo: mesmo na precisão, não caia na escravidão*.

[6] A pesquisa resultou no livro intitulado *Escravos da precisão: economia familiar e estratégias de sobrevivência de trabalhadores rurais em Codó (MA),* EDUFMA, São Luís, 2009.

A pesquisa dialógica proposta neste artigo tem inspiração especialmente no trabalho do pedagogo brasileiro Paulo Freire. No livro *Comunicação ou Extensão* (1977), ele parte da análise crítica da semântica do termo extensão, passando pelo equivoco gnosiológico, detendo-se em considerações a propósito da invasão cultural, discutindo a reforma agrária e a mudança, opondo-se à extensão e, por fim, ampliando a educação como uma situação gnosiológica, em cuja prática a 'assistências técnicas' teria outras dimensões (FREIRE, 1977).

Assim também pensamos ao construir uma metodologia dialógica que atenda à demanda do pesquisador e do sujeito pesquisado durante a experiência de campo. Neste caso, Freire (1977, p.33) adianta que, "é tentar superar o conhecimento preponderantemente sensível por um conhecimento, que, partindo do sensível, alcança a razão da realidade", que, muitas das vezes, perpassa por um único olhar dogmático e treinado durante a experiência do sujeito pesquisador.

Adonia Prado (2016) no artigo *Educação contra a escravidão contemporânea em perspectiva decolonial*, diz que o diálogo funciona como metodologia quando são ingredientes fundamentais na teoria e na prática da pedagogia descolonial, isto é, transformando o vertical em horizontal de modo que a produção do conhecimento não seja resultado de uma experiência unilateral.

O constante diálogo entre pesquisadores e pesquisados e a possibilidade de reinvenção dos processos no decorrer do trabalho de campo tem nos proporcionado vivenciar experiências que dificilmente teríamos acesso caso estivéssemos engessados no formato tradicional de pesquisa social na concepção de sujetos (pesquisadores) e objetos (pesquisados). Já tivemos a oportunidade, por exemplo, de ouvir, em vídeo chamadas, anciãos das comunidades quilombolas que nos relataram os processos de certificação junto à Fundação Palmares bem como as lutas pela terra e os processos de ancestralidade desses sujeitos. Pajés e pais de santo, que praticam no seu dia a dia experiências de religiosidade ligadas a matrizes africanas e indígenas, nos relataram formas de convívio social e de luta pela terra nas quais os lados espiritual e material estão mais próximos do que para a maioria dos grupos sociais ocidentais. Isto é, a ancestralidade desses sujeitos definem caminhos de luta em prol da manutenção de seus territórios.

3. PRODUÇÃO COLETIVA E INTERVENÇÃO SOCIAL

A campanha radiofônica *Trabalho certo: mesmo na precisão, não caia na escravidão*[7] é composta por sete peças radiofônicas (cinco *spots* e dois *podcasts*). O primeiro passo para a elaboração desses materiais foi a definição dos temas que seriam abordados em cada produto. Em seguida, determinamos que os *spots*, por terem menor duração e maior facilidade de distribuição,seriam destinados principalmente para o público de maior interesse da campanha, os trabalhadores rurais da Baixada Maranhense. Enquanto isso, os *podcasts* estariam voltados principalmente para as lideranças comunitárias e para os movimentos e entidades que atuam no combate à escravidão moderna na região. As decisões foram tomadas em conjunto, entre pesquisadores e agentes do movimento social, em constante diálogo.

Uma vez que o intuito da campanha é difundir a informação para prevenir e combater o aliciamento de trabalhadores rurais da Baixada Maranhense para o trabalho escravo, os temas foram escolhidos de forma a passar uma mensagem clara e objetiva para o público em questão. Entre os *spots* ficaram divididos os temas: o que é trabalho escravo, quem é o gato/o que é aliciamento, formas de denúncia, o que é trabalho digno e o que é violação dos direitos. Já os *podcasts*, por apresentarem uma duração maior, focaram em temáticas mais específicas como a atuação da CPT na Baixada Maranhense e o relato do caso de um trabalhador que foi resgatado de condições análogas à de trabalho escravo.

Com o objetivo de caracterizar a campanha, facilitar a compreensão e chamar a atenção do público, definimos um modelo de abertura e uma vinheta para os produtos. Na maioria dos roteiros, com exceção do *spot* referente às formas de denúncia e ao *podcast* do relato de caso, foi adotado o texto “Ei, você sabe o que é (...) Não? Então, bora entender” como padrão para iniciar as peças. Utilizamos esse formato com o objetivo de trazer coloquialidade para o texto, intensificar o caráter informativo/educativo da campanha e proporcionar uma interação com os ouvintes. Ao final de cada produto foi inserido uma vinheta com a assinatura da campanha,

[7]O material pode ser acessado: https://www.youtube.com/channel/UC66NJJWpRJhoymztBVaOLMQ

"Trabalho Certo: mesmo na precisão, não caia na escravidão", para que essa possa ser identificada tanto pelos trabalhadores e pelas lideranças comunitárias, quanto pelas rádios e redes de comunicação online onde circulará a campanha.

A nossa principal preocupação ao desenvolver os roteiros era que o texto dialogasse com aqueles que estão mais expostos ao aliciamento para o trabalho escravo, por isso, utilizamos duas vozes: uma masculina e uma feminina. Mesmo que a predominância de vítimas de trabalho escravo seja do sexo masculino, também são comuns os casos de mulheres que são resgatadas de condições análogas à de escravidão, logo, para que a campanha possa atingir um público mais diverso, optamos por utilizar as duas vozes.

Em constante diálogo com os representantes da entidade, principalmente Ronilson Costa, da Brígida Rocha e da Carla Pereira, conseguimos entender um pouco mais acerca das estratégias deles de combate ao trabalho escravo contemporâneo da Baixada Maranhense.

> Nossa atuação no combate ao trabalho escravo se dá principalmente na base, no acompanhamento a comunidades quilombolas fazendo o resgate da memória, da história, mas sobretudo despertar o sentimento de pertença àquele espaço de vida, àquele território. Também a importância de permanecer no lugar onde estão as suas raízes, suas ancestralidades. (PEREIRA, 2021, informação verbal)[8]

Também por causa dessa parceria, foi possível a comunicação com líderes das comunidades da região, como o Raimundo Ribeiro, do Quilombo Mundico, no município de Santa Helena. O contato com as lideranças permitiu que compreendêssemos melhor como funciona o aliciamento de pessoas para o trabalho escravo nessa região, o que motiva esses indivíduos a migrar e quem são eles.

> "Muitos ficam sabendo através de amigos que já tão pra lá, outros através de encarregados né, hoje em dia levam o nome de encarregado, mas que, que antes eles levavam o nome de 'gato', e aí acabam influenciando os jovens a, a deixarem suas cidades e (...) ir pra lá trabalhar (...) pra tentar um sustento." (RIBEIRO, 2021, informação verbal) [9]

[8]Entrevista pessoal concedida por Carla Pereira, agente da CPT-MA, no dia 17 de abril de 2021, por meio de WhatsApp.

[9]Trecho de entrevista com Raimundo Ribeiro, do Quilombo Mundico, município de Santa Helena – MA, realizada em 18 de abril de 2021 por intermédio do WhatsApp.

A fala de Carla, Raimundo e demais agentes comunitários unido à 'reivindicação' de Naildo Braga, do MOQUIBOM, na ocasião do lançamento da campanha radiofônica nos levou à produção de outro material, atualmente em andamento. Trata da cartilha paradidática voltada para escolas quilombolas da região com o objetivo de prevenir a migração de trabalhadores e trabalhadoras da região sem conhecimento de seus direitos.

Já foram feitas três reuniões entre o final do mês de julho e início de agosto de 2021, pelo Google Meet, com representantes de escolas, anciãos e demais lideranças da região com o intuito de construir de forma coletiva e atender a uma demanda das comunidades, que é a elaboração de um material que busque resgatar a história e a memória dessas localidades bem como da identidade quilombola e importância da permanência dos trabalhadores no território visando alcançar políticas públicas capazes de garantir essa manutenção da reprodução familiar a partir da economia coletiva das produções locais tanto nas questões alimentares quanto nas questões culturais, ancoradas na ancestralidade desses povos.

4. CONCLUSÃO

Neste artigo, apresentamos algumas experiências de pesquisa em colaboração que estamos vivenciando atualmente. A ideia é garantir a participação dos sujeitos (pesquisadores e pesquisados) em todas as etapas da pesquisa: desde a problematização, durante todas as etapas do trabalho de campo, chegando até a produção de materiais capazes de promover intervenções sociais na luta pelo combate ao trabalho escravo contemporâneo no Maranhão.

Os caminhos trilhados até aqui nos mostram que é possível desenvolver uma pesquisa em colaboração e que os agentes pesquisados, muitas vezes, podem contribuir para as reflexões realizadas no decorrer dos achados da investigação.

É desafiador constituir outros olhares e outras epistemologias do que as que estamos acostumados, mas é necessário fazermos esse exercício dialógico junto aos sujeitos pesquisados uma vez que os mesmos, em geral, tem muito mais a contribuir do que um pesquisador imagina. Inspirados em Freire (1977), partimos do sensível

para alcançarmos a razão da realidade. Este é o esforço e, até agora, tem valido a pena.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESTERCI. Neide. **Escravos da desigualdade:** Um estudo dobre o uso repressivo da força de trabalho hoje.- Rio de Janeiro: CEDI: Koinonia, 1994.

CARNEIRO, Marcelo Sampaio; MOURA, Flávia de Almeida.(org.) **Migrações no Maranhão Contemporâneo** – Uma análise do deslocamento de trabalhadores maranhenses rumo à lavoura da cana em São Paulo. CPT/UFMA, São Luís, 2008.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**? Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1977.

MARQUES, Pâmela; GENRO, Maria. **Por uma ética do cuidado**: em busca de caminhos descoloniais para a pesquisa social com grupos subalternizados. Araraquara. V.21, n-41, julho-dezembro, 2016, p.323-339.

MOURA, Flávia de Almeida. **Escravos da Precisão**: economia familiar e estratégias de sobrevivência de trabalhadores rurais em Codó (MA). EDUFMA, São Luís, 2009.

MOURA, Flávia de Almeida. **Trabalho escravo e mídia**: olhares de trabalhadores rurais maranhenses. EDUFMA, São Luís, 2016.

PRADO, Adonia. **Educação contra a escravidão contemporânea em perspectiva decolonial**. In.: Discussões Contemporâneas sobre trabalho escravo: Teoria e pesquisa. Manual x: Rio de Janeiro, 2016.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar**? Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010.

"CAMINHO DA BOIADA":

uma possibilidade de pesquisa em colaboração no campo da Comunicação

Letícia Conceição Martins Cardoso[10]

RESUMO

O artigo propõe uma reflexão e autocrítica sobre a prática da pesquisa social a partir do relato de uma investigação realizada no campo da comunicação junto a brincantes de bumba meu boi. Trata-se da pesquisa Caminho da Boiada: um mapeamento dos grupos de Bumba meu boi em São Luís do Maranhão, que está sendo desenvolvida com o objetivo de realizar uma cartografia cultural dos grupos de bumba meu boi na grande São Luís, com produção de uma mapa (impresso e digital). Buscamos aplicar a co-pesquisa ou pesquisa em colaboração, que prevê a agência dos sujeitos pesquisados no processo de construção coletiva da investigação.

Palavras-chave: Pesquisa em colaboração;Epistemologias do Sul; Culturas populares.

ABSTRACT

The paper proposes a reflection and self-criticism on the practice of social research based on the report of an investigation carried out in the field of communication with players of bumba meu boi. This is the Caminho da Boiada research: a mapping of the Bumba meu boi groups in São Luís do Maranhão, which is being developed with the aim of carrying out a cultural cartography of the bumba meu boi groups in São Luís city, with the production of a map (printed and digital). We want to apply co-research or collaborative research, which foresees the agency of the researched subjects in the process of collective construction of the investigation.

Keywords: Collaborative research; Southern Epistemologies; Popular cultures.

1 INTRODUÇÃO

"O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada", já ensinava com muita sabedoria Cora Coralina. Tomamos emprestado esse verso da poetisa brasileira, para falar de metodologia em pesquisa social, considerando que toda metodologia implica um modo de caminhar, um caminho que deve ser traçado,

[10] Professora Doutora do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, email: leticia.cardoso@ufma.br

trilhado, experenciado e compartilhado com outras pessoas. No decorrer desse percurso, nós, pesquisadores, colhemos muito mais do que informações e dados objetivos relativos a uma investigação proposta. Nós interagimos com as pessoas e nessa relação, deixamos um pouco de nós nelas, absorvemos delas em nós. No ponto de chegada, que seria o encerramento da pesquisa, já somos outros.

Eu entrei no mundo da pesquisa há pelo menos 15 anos, quando fiz mestrado em Ciências Sociais. De lá pra cá, passado o doutorado em Comunicação e tantas outras inserções de pesquisa, reconheço que naqueles momentos iniciais eu não me questionava, como hoje em dia, sobre o impacto do meu papel de pesquisadora na vida dos sujeitos que possibilitavam a realização das diversas investigações realizadas. Muitas vezes, tratei esses sujeitos como objetos de pesquisa e não como pessoas que também tinham muito a me ensinar, orientada por uma perspectiva que trazia resquícios positivistas – advogando certa objetividade e a separação entre o sujeito e o objeto como princípio da investigação científica. Assim, embora eu reconhecesse que "a subjetividade é inerente ao humano, independentemente da vontade, atravessa o processo de percepção e teorização sobre fatos e fenômenos" (ROSÁRIO, 2016, p. 180), minha atuação no campo de pesquisa ainda se guiava, numa atitude internalizada de vigilância, por certo distanciamento cartesiano entre pesquisador – pesquisado, cujo um dos papéis do primeiro seria "dar voz" ao segundo.

Estou certa de que não é uma expressão individual, mas um movimento contemporâneo de pesquisadores sociais, reconhecer o atual questionamento do racionalismo que tomou conta da ciência e do método; reconhecer que num momento de deslocamentos e fluidez em que as referências tradicionais (como o positivismo, as noções de Estado, de Igreja, de povo, entre outras) não dão mais conta de explicar as realidades multiculturais, globalizadas, mestiças e periféricas. Nesse cenário, o discurso científico e especialmente, as ciências do Norte[11] (SANTOS, 1999) são

[11] A oposição Norte (central) e Sul (periférico) nas ciências, amplamente estudada por Boaventura de Sousa Santos (2010), refere-se a um processo modernizador calcado no capitalismo industrial e na noção de desenvolvimento, que se expandia a partir de um centro (Europa e América do Norte), em direção a uma periferia (restante do mundo). O autor defende que o Sul precisa criar/reconhecer suas próprias epistemologias.

apenas mais um dos conhecimentos disponíveis no mundo social, que disputam o monopólio do saber e do poder.

Vivemos um momento de necessária desconstrução dos processos considerados convencionais e clássicos na realização de pesquisas sociais. O que por muito tempo funcionou como forma de legitimação das ciências sociais – a transposição de teorias, conceitos, métodos e procedimentos de pesquisa trazidas das ciências exatas e naturais ou transplantadas do Norte para o Sul – hoje está sendo repensado e até mesmo refutado como condição de validade das práticas científicas e epistemológicas nos países considerados periféricos em relação à produção central do conhecimento (requisitada pelos países europeus e Estados Unidos).

Pegando carona nesse movimento de desconstrução, cada vez mais, inquieta-me na minha prática profissional, pensar sobre as relações estabelecidas entre os sujeitos interagentes em pesquisa, o que perpassa entender se e como acontecem (re)configurações no cotidiano desses sujeitos (pesquisadores e pesquisados), mas também refletir sobre o meu papel social de pesquisadora. Cabe a mim dar voz a esses sujeitos? Como lidar com esse lugar de poder? E como deslocar esse lugar para um espaço real de trocas e valorização do conhecimento do outro?

Como pontuam Marques e Genro (2016, p. 327):

> Quando o cientista social engajado faz essa constatação – de que parte fundamental dos saberes do mundo são ignorados, silenciados, visibilizados – algo no modus operandi da pesquisa social tradicional passa a causar-lhe imenso desconforto. A pergunta ética fica atravessada em seus olhos, em sua garganta: como retirá-los – esses saberes e seus autores – desse lugar indolente, onde não são mais do que a sombra imperfeita dos saberes do norte? Como fazê-lo sem apertar ainda mais o nó de subalternização desse outro marginalizado? Pode-se fazer pesquisa de modo menos invasivo, assimétrico e extrativo?

Essas são indagações pertinentes ao relato da pesquisa que apresentamos neste artigo, cujos resultados e conclusões são bem menos significativos que o compartilhamento de experiências que colhemos no caminho, sempre em processo.

Nesse sentido, o presente artigo trata das relações estabelecidas entre os sujeitos na investigação Caminhos da Boiada: um mapeamento dos grupos de Bumba

meu boi em São Luís do Maranhão[12], ainda em fase de desenvolvimento, vinculada ao Departamento de Comunicação da UFMA. O objetivo principal da referida pesquisa é desenvolver um mapa digital localizando e representando os grupos de bumba meu boi do Maranhão com sede em São Luís e região metropolitana: Raposa, Paço do Lumiar e São José de Ribamar.

Nesse contexto, uma das preocupações na execução da pesquisa é garantir a participação e a autonomia dos sujeitos pesquisados, aqui denominados brincantes[13], a fim de pensarem suas próprias representações e decidirem sobre os conteúdos que serão (ou não) contemplados, através de uma pesquisa em colaboração, que inclui processo de produção compartilhada de dados e elaboração coletiva do mapa proposto, o que para nós significa um grande desafio.

2 ENTENDENDO O "CAMINHO DA BOIADA" – Bumba meu boi, mediações e cartografia cultural

A prática do bumba meu boi no Maranhão remonta ao século XIX e inicialmente era perseguida devido ao sistema escravocrata que proibia as manifestações de povos negros, além do preconceito das elites, que consideravam essas festividades baderna e desordem pública. Porém, aos poucos, houve a permissão para a apresentação dos grupos nas áreas centrais da capital. Muitas lutas, adaptações, resistências e assimilações aconteceram até que em 2011 o Complexo Cultural Bumba meu boi passou a ser reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Em dezembro de 2019, tornou-se Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Utilizamos a expressão "Caminho da Boiada" para denominar essa investigação, tomando emprestado o nome de uma rua localizada no Centro de São

[12] Desenvolvida no projeto Metodologias de Estudos Culturais: um olhar comunicacional sobre as culturas populares no Maranhão, cuja execução tem recursos oriundos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão (FAPEMA), por meio do Edital Universal da 2018/2019.
[13] Categoria nativa que se refere aos integrantes do grupo, aqueles que "brincam o Boi". (CARDOSO, 2018, p. 01)

Luís (atual Rua Manuel Jansen Ferreira), por ser parte da rota feita pelo gado durante o século XIX e início do XX, rumo ao matadouro público localizado nas proximidades. Com a tolerância das elites políticas, a partir da década de 1960, as brincadeiras populares como o bumba meu boi conquistaram caminhos novos, inclusive podendo dançar em bairros centrais e elitizados da cidade. O Caminho da Boiada, em nosso projeto, dessa vez não seria mais para o abate do gado, mas para as festividades do touro que morre e renasce todos os anos no imaginário popular maranhense.

A prática cultural do bumba-boi (ou boi, como também é conhecido) alia o sagrado e o profano, por meio da musicalidade, teatralidade, dança, artesanato, entre outras expressões artísticas. Está presente em diversas comunidades do Maranhão. A festa tradicional se baseia na narrativa mítica de morte e ressurreição de um boi, materializado na brincadeira[14] em forma de alegoria de um boi-brinquedo (operado por uma pessoa geralmente nomeada como tripa ou miolo), em que os brincantes dançam, cantam e tocam ao seu redor.

Essa brincadeira, hoje considerada representante oficial da cultura popular maranhense, que por muitos anos sofreu, e ainda sofre, preconceito racial e social, constitui um símbolo de resistência das classes populares, marginalizadas e subalternas, sobretudo da população negra que representa 74%[15] dos cidadãos maranhenses. Apesar da perseguição, essa prática cultural vem se reelaborando há décadas, mesmo diante da realidade de segregação racial e vem adquirindo estatuto de identidade regional, em negociação com a elite (financeira, intelectual, política) que um dia a reprimiu.

Além de constituir fonte identitária de diversos grupos no Maranhão, o Boi está inserido na lógica de mercado de bens simbólicos, na indústria do turismo, nos processos políticos. Comunica valores, ideologias, anseios, várias demandas de sua comunidade de origem, constituindo também um circuito complexo de comunicação, um modo de mediações (MARTÍN-BARBERO, 2008) nas/das comunidades.

[14]As manifestações de culturas populares no Maranhão (danças, festas, teatro de rua), como o Bumba meu boi, Tambor de crioula, Cacuriá, Quadrilhas, são chamadas de brincadeiras pelo povo maranhense.
[15]De acordo com os dados do IBGE de 2012.

Porém, ainda é comum, em discursos midiáticos e em pesquisas acadêmicas, que os brincantes sejam representados como “elementos exóticos de uma cultura a ser preservada e divulgada para fins turísticos, portanto, vistos de forma passiva e isolada das suas relações sociais e cotidianas” (CARDOSO, 2018, p. 02). A visibilidade desses grupos continua sendo atrelada a discursos folcloristas, concentrada somente no período junino, época de maior realização das festividades de bumba meu boi. Ainda existe, enfim, muito preconceito contra manifestações das culturas populares de origem afro-indígena (portanto, do Sul, não-branca, não-hegemônica), como o bumba meu boi. Devemos acrescentar que no caso da capital maranhense, tais manifestações costumam estar ligadas aos setores populares e situadas em zonas rurais ou bairros distantes do centro. Logo, estamos tratando de uma população mais desamparada pelas políticas públicas, em geral, à margem dos espaços de decisão.

Por outro lado, como grande festa popular no Maranhão, o bumba meu boi compartilha as condições gerais de produção, circulação e consumo do sistema capitalista em que está inserido, internalizando as concepções das classes hegemônicas, mas também estabelece relações de forma consciente e ativa nesse contexto (com o mercado, com a política, com a mídia), criando suas próprias estruturas, suas representações, suas formas de comunicação e de resistência. Assim, essa prática cultural resulta das formas de pensamento mediante os quais os brincantes concebem e expressam sua realidade, como avaliou Canclini (1983) sobre as culturas populares no capitalismo, “seu lugar em geral subordinado na produção, na circulação e no consumo”. No entanto, não podemos negar que a agência dos sujeitos gera táticas não só em resposta às estratégias das elites, mas segundo seus interesses, num processo de negociação conflitivo.

Assim, com o objetivo de contribuir para o registro, a visibilidade e a difusão mais contextualizada desses sujeitos, não só no período junino, mas durante todo o ano, pensamos na elaboração de um mapeamento das sedes dos grupos de bumba meu boi localizados na grande São Luís, que será materializado num mapa (impresso e digital).

Para a construção da investigação numa abordagem multidisciplinar, empregamos a teoria latino-americana das mediações (MARTÍN-BARBERO, 2008), aliada a conceitos da Geografia, relativos ao mapeamento ou cartografia cultural, método que permite a coleta e a visualização dos elementos simbólicos e espaciais de uma determinada cultura.

Essa visada desloca o olhar dos meios de comunicação de massa para se concentrar no entorno, pensa a comunicação a partir da cultura, numa crítica ao midiacentrismo. De maneira sucinta, as mediações são os lugares de produção de sentido para os sujeitos; “o lugar” a partir do qual se atribui sentido à comunicação e esse lugar é a cultura (MARTÍN-BARBERO, 2008). Sob esse viés, estudar o processo de comunicação significa compreender que entre a produção e a recepção dos produtos midiáticos há um espaço em que a cultura cotidiana se reelabora, o espaço da experiência vivida.

Entendemos o mapa como recurso que pode produzir diversas mediações entre os sujeitos, gerando sentidos e relações variadas tanto no processo de pesquisa quanto no resultado final. Na perspectiva adotada, mapeamento ou cartografia cultural significa: “um instrumento cartográfico que tem como objetivo demonstrar aspectos culturais, históricos e costumeiros de um território tradicional de um ou vários povos” (ACT BRASIL, 2008, p. 5).

O mapeamento cultural pode adquirir diversas formas, mas alguns aspectos o definem objetivamente: é necessário que seja realizado pela própria comunidade, combinado com regras cartográficas, para que o resultado final tenha precisão e ordenamento. Essa ferramenta foi desenvolvida como parte de um processo de diagnóstico cultural e social que pode dar origem a fortes instrumentos políticos e gerar boas práticas e políticas adequadas para as comunidades envolvidas, a exemplo de planos de educação indígena, manejo ambiental e proteção territorial. O mapa não deve configurar um objetivo por si só, mas sim um instrumento dentro de um trabalho de fortalecimento cultural e territorial das comunidades tradicionais (ACT BRASIL, 2008).

Por sua vez, no campo da comunicação, Rosário (2016) defende que:

> (...) a cartografia desvia-se do conceito de método ligado a conjunto de regras, a saberes prontos, a modelos, tampouco se conecta à aquisição de saber e transmissão de informação. O fato de a cartografia ser ainda embrionária na comunicação torna esse ponto de vista ainda mais coerente. A sua prática vai evidenciar seus diversos modos de operação, sobretudo porque se defende que o método não seja um caminho predefinido, mas construído e refletido no processo. Para que se consiga atingir tal ponto, é preciso que os pesquisadoresse empenhem em refletir, partilhar e tensionar os processos de aplicação da cartografia no campo (ROSÁRIO, 2016, p. 184).

Assim, percebemos que se apropriar da cartografia como método de investigação significa também um deslocamento sobre práticas corriqueiras e abordagens convencionais de pesquisa, que envolvem “o modo de iniciar o processo, a maneira de coletar e registrar dados, diz respeito também à postura do investigador na pesquisa e, ainda, à forma de interpretar os dados” (ROSÁRIO, 2016, p. 185). Na prática da cartografia em comunicação, complementa o raciocínio, o mais importante é “o posicionamento sempre atento do investigador buscando ouvir a experiência, sem sujeitar-se aos hábitos teórico-metodológicos do ‘saber sobre’” (ROSÁRIO, 2016, p. 185).

Por essa concepção desafiadora, ao se lançar em campo, o pesquisador deve, entre outras coisas, estar aberto para conhecer e partilhar, inclusive abrir mão da “aura” do monopólio do saber; olhar o outro numa relação horizontal, sabendo que também está sendo observado/avaliado; e reconhecer que o processo de pesquisa é uma construção coletiva, na qual ele é mais um dos sujeitos em interação, em colaboração. As fronteiras entre os co-pesquisadores (o acadêmico e o empírico) são delimitadas na própria relação estabelecida em campo.

3 CAMINHANDO JUNTOS: planejando práticas de pesquisa em colaboração

Pensada na perspectiva da “pesquisa cuidadosa”, que vem sendo buscada “em lugar do paradigma de descuido que compõe as tessituras epistemológicas com as quais se costuma fazer ciência” (MARQUES & GENRO, 2016, p. 323), a prática da co-pesquisa ou pesquisa em colaboração visa priorizar a interação e a produção da pesquisa com os sujeitos. Em nosso caso específico, pesquisadores e brincantes

devem colaborar mutuamente, aprender um com o outro, num processo horizontal de parceria e de compartilhamento de saberes, em que será fundamental negociar todo o processo, considerando a intervenção dos brincantes na definição dos conteúdos e nas etapas de execução do mapa propriamente dito.

Estamos desenhando o planejamento da pesquisa, de forma experimental, no sentido da pesquisa em colaboração, que busca escapar tanto do "racionalismo dogmático quanto do relativismo ingênuo", pontuados por Marques e Genro (2016). As autoras problematizam a prática da pesquisa social, apontando aspectos que são muitas vezes naturalizados, por nós e pelo contexto social, devido ao lugar institucionalizado que ocupamos. Para elas, na atualidade fazer pesquisa social:

> Requer a superação da lógica extrativa de conhecimento que impera nas investigações sociais, marcada, por exemplo, pela imposição de uma agenda que, embora externa à comunidade estudada, espera-se seja atendida por ela com rapidez, coerência e docilidade; pela despreocupação com a atribuição de autoria a conhecimentos compartilhados conosco por autoridades e/ou lideranças populares; pela naturalidade com que se impõe o não retorno à comunidade estudada dos resultados a que se chegou mediante a sua colaboração, ou, ainda, pela incapacidade de sequer cogitar produtos da investigação além do texto científico, capazes de apoiar as lutas em que se debatem os grupos pesquisados. (MARQUES & GENRO, 2016, p.328)

Como pesquisadores possuem um discurso autorizado (BOURDIEU, 1996) pela ciência, muitas vezes nosso papel passa a ser naturalizado socialmente, por conta da eficácia simbólica do discurso científico. Segundo Bourdieu (1996), o ato de nomear é um ato de poder que cria e institui realidades. Assim, quem tem o poder simbólico de impor uma visão/divisão/definição legítima de mundo, acaba produzindo a existência daquilo que afirma. A autoridade para falar, afirmar, definir, classificar é advinda do reconhecimento social (autorização) dos outros agentes. Quem a adquire, pode instituir o mundo social segundo seus interesses, sua visão de mundo. Nessa relação está em jogo o monopólio da violência simbólica legítima, quer dizer, do poder de impor instrumentos de conhecimento e de expressão (BOURDIEU, 2003, p. 12). A naturalização, assim, faz passar por naturais construções sociais, seu efeito é crer numa realidade como a única possível, mantendo a ordem social, ao invés de questioná-la, compreendê-la.

Nem de longe pretendemos deslegitimar o discurso científico ou desqualificar o papel dos cientistas sociais, fadados a disputar espaço e poder com uma tendência obscurantista e anticiência na arena da atual conjuntura política brasileira. Um discurso, aliás, autorizado pelo Governo Federal e representado/reforçado na figura do mandatário da República, Jair Bolsonaro, que publicamente aciona uma retórica ideológica anti-intelectualista, incentivando o fenômeno das Fake News, do negacionismo ambiental e climático, dos movimentos antidemocráticos, terraplanistas, anti-vacina entre outros retrocessos que se contrapõem à lógica do pensamento teórico-filosófico-científico. Portanto, o objetivo aqui é fazermos uma necessária autocrítica sobre a atuação no campo da pesquisa, a fim de repensar esse árduo trabalho de interação com o "outro", comprometido com a mediação e a transformação da realidade social.

Baseando-nos nessas reflexões, iniciamos o estudo Caminho da Boaiada realizando num primeiro momento uma pesquisa exploratória em que adquirimos uma lista de cadastro dos grupos de bumba meu boi, fornecida pela SECTUR (Secretaria de Estado da Cultura e Turismo do Maranhão). A partir dessa lista, elaboramos uma seleção dos grupos que possuem sede em São Luís, São José de Ribamar, Raposa e Paço do Lumiar. O critério para a seleção foi possuir sede na ilha (que é formada pelos quatro municípios mencionados) devido às limitações de tempo do projeto de pesquisa, que será de 2 anos de execução. A equipe que decidiu o critério é formada pela orientadora e duas alunas do Curso de Comunicação Social, ambas, pesquisadoras de iniciação científica.

Ao reunir esse banco de dados com os nomes dos grupos de bumba-boi e telefones de contato, estabelecemos o contato telefônico com os líderes dos grupos, exceto nos casos em que havia erro nas informações. Parte dos dados de telefone e de endereço estava impreciso ou incorreto, o que dificultou o contato com muitos deles. Identificamos 126 grupos, sendo que 71 destes apresentaram problemas com o número de telefone disponibilizado no credenciamento (telefone inexistente ou sem completar a ligação). No entanto, todos foram incluídos em nossa lista até que consigamos confirmar a localização exata da sede ou novas formas de contatá-los. Foi possível identificar, com precisão, a localização de 34 grupos de bumba meu boi,

em geral da zona rural da ilha, em um mapa virtual, criado na ferramenta do Google "My Maps" disponível gratuitamente, que permite a criação de mapas personalizados. O intuito foi obter uma primeira visualização cartográfica das sedes em São Luís e na região metropolitana. Esse mapa está intitulado "Caminhos da Boiada", ainda em processo de elaboração, cuja finalização esperamos alcançar durante a execução da pesquisa até dezembro de 2022.

Diante dos novos desafios ocasionados pela eclosão da pandemia de Covid19, tivemos que repensar as estratégias metodológicas para alcançar nossos propósitos. Anteriormente à pandemia, a ideia era fazer uma pesquisa de campo com visitas in loco em todas as 126 comunidades de bumba meu boi previamente identificadas na área abrangida. Agora, a logística possível é fazer os contatos e entrevistas por telefone e/ou aplicativo Whatsapp, com o objetivo de coletar informações mais gerais sobre o grupo, em forma de questionário.

A modalidade ou o estilo rítmico que divide os diferentes grupos, determinado pela região ou cidade de origem do boi e/ou pelo conjunto de instrumentos utilizados, é chamado de sotaque. Há cinco tipologias de sotaques legitimadas no Maranhão: de Zabumba ou Guimarães; da Ilha ou matraca; da Baixada ou Pindaré; de Orquestra; e de Cururupu ou Costa de mão. Tomando essa referência e essa classificação, que são acionadas pelos próprios brincantes, iremos consultá-los sobre a possibilidade de indicarem 1 (um) representante de cada sotaque (no caso, 5 grupos) para realizarmos uma vivência mais próxima, com visitas à sede, registro fotográfico e entrevistas semi-estruturadas junto aos seus líderes e outros membros.

A abordagem pensada foi uma pesquisa de campo, com visitas às sedes dos grupos de bumba-boi, possibilitando o contato das pesquisadoras com a cultura dos sujeitos (os brincantes do boi), que não serão vistos apenas como informantes, segundo a acepção da antropologia clássica, mas considerados co-pesquisadores.

Também integram a metodologia proposta encontros com a diretoria dos grupos em lugares previamente combinados para a realização das entrevistas. É preciso ressaltar que serão respeitadas todas as medidas sanitárias de distanciamento social, com uso de máscara e optando por lugares abertos, em comum acordo com os co-pesquisadores. Além disso, não se pode deixar de relatar que os

grupos de bumba-boi sofreram muitas perdas de integrantes, em sua maioria idosos, vítimas do Covid19. Por isso, será necessário por parte das pesquisadoras não só a atenção às medidas sanitárias, como também uma sensibilidade específica para lidar com os entrevistados.

Os dados reunidos junto com esses 5 grupos irão ilustrar de forma mais didática e lúdica a construção do mapa a que nos propomos. Os demais grupos serão contemplados no mapa com as informações básicas, a saber: Nome do Grupo, Sotaque, Endereço, Nome do Líder e Contatos. Assim, todos os 126 grupos serão identificados no mapa da Ilha de São Luís, em sua localização geográfica precisa, por um número que remeterá a uma legenda.

É importante informar que nosso projeto de pesquisa conta com recursos para a impressão do mapa impresso e elaboração do mapa digital, oriundos do edital universal da FAPEMA (2018). Desse modo, teremos um trabalho multidisciplinar com estudos da Geografia sobre cartografia cultural e também da área de Design, pois estudantes do curso de Design serão responsáveis pela concepção gráfica do mapa. A ideia é que esse trabalho de criação seja também acompanhado pelos líderes dos grupos e que estes se sintam parte do processo produtivo. A equipe de design deverá atender à construção coletiva demandada para construirmos juntos, pesquisadoras e co-pesquisadores, a materialização das ideias compartilhadas na pesquisa.

Em campo, as pesquisadoras farão uso de diário de campo, gravadores e máquina fotográfica para facilitar o registro e a análise posterior dos dados. Outras técnicas poderão ser acionadas de forma complementar, visando atender às especificidades de cada interação em campo, como análise de fotografias, reportagens, campanhas publicitárias, documentos, entre outros.

A pesquisa bibliográfica irá fundamentar as reflexões teóricas e a definição dos procedimentos e técnicas de coleta de dados mais adequados, durante as reuniões semanais remotas de estudo com a equipe executora, tendo sempre em vista que o pesquisador que se lança aos Estudos Culturais deve nortear seu trabalho pela “ideia de que pesquisar significa construir ‘interpretações’, certos modos de compreender o mundo, sempre historicamente localizados, subjetivos e relativos”, como ensina Escosteguy (2010, p. 59).

O resultado desse investimento científico, em conjunto, permitirá descrever as etapas do processo, sugerir percursos, mapear resultados, reunir fontes, cruzar/comparar informações, visando mapear os 126 grupos de bumba meu boi situados na região, compondo um banco de dados importante para futuras pesquisas, para registro e valorização do patrimônio imaterial do Maranhão e, em última análise, contribuir para a implantação de políticas públicas culturais mais adequadas às condições materiais de vida dos grupos de cultura popular.

4. CONCLUSÃO

Em nossa percepção, o estudo apresentado, se realizado na perspectiva da pesquisa cuidadosa – aqui possibilitada pela cartografia cultural – pode gerar o compartilhamento de valores, ideias, sentimentos e o sentido de pertencimento dos membros dos grupos de bumba-boi, que serão atuantes em todo o processo de pesquisa e na execução do produto final – o mapa Caminho da Boiada.

Somos levados a pensar que o mapa, e sua consequente divulgação, podem significar uma estratégia de distinção e visibilidade para esses sujeitos, contribuindo assim para uma maior legitimação social e autonomia desses grupos sociais, considerados periféricos e subalternos, num cenário político de convergência cultural da comunicação, de disputas por direitos culturais e de globalização.

Nesse sentido, pensamos que a referida pesquisa poderá cumprir seu papel social ao construir reflexões importantes para futuras pesquisas no campo da comunicação e ao oferecer um instrumento de diagnóstico cultural, com a possibilidade de gerar ferramentas de articulação política, práticas de visibilidade e talvez até o fomento de políticas públicas adequadas para as comunidades envolvidas, num desejável processo de fortalecimento cultural dos grupos de bumba meu boi. Esse é o caminho que desejamos trilhar.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1996.

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. ed. On-line. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CARDOSO, Letícia Conceição Martins. **As mediações no Bumba meu boi do Maranhão**: uma proposta metodológica de estudo das culturas populares. 2016. 268 f. Tese. (Doutorado em Comunicação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

BRASIL. **Metodologia de mapeamento cultural colaborativo**. – Brasília: ACT Brasil, 2008.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. **Cartografia na comunicação**: questões de método e desafios metodológicos. In: MOURA, C. P.; LOPES, M. I. V. (orgs). Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2016.

OS SUJEITOS NO PERCURSO DA PESQUISA SOBRE RÁDIOS COMUNITÁRIAS

Ed Wilson Ferreira Araújo[16]

RESUMO

O artigo discorre sobre a relação entre pesquisador e pesquisados no contexto do trabalho de campo junto às emissoras comunitárias do Maranhão. A entrada no campo, os procedimentos metodológicos e as técnicas de pesquisa fazem parte da abordagem construída na perspectiva da produção coletiva mediada pelo diálogo entre sujeitos participantes do processo de produção de conhecimento. O texto explora o potencial da roda de conversa no trabalho de campo como espaço de conversação e exercício da oralidade, refletindo sobre o fazer metodológico a partir do encontro entre os saberes dos sujeitos da pesquisa.

Palavras-chave: Rádio comunitária 1; Trabalho de campo 2. Sujeitos 3.

ABSTRACT

The article discusses the relationship between researcher and researched in the context of fieldwork with community broadcasters in Maranhão. Entry into the field, methodological procedures and research techniques are part of the approach built from the perspective of collective production mediated by dialogue between subjects participating in the knowledge production process. The text explores the potential of the conversation wheel in field work as a space for conversation and the exercise of orality, reflecting on the methodological approach based on the encounter between the knowledge of the research subjects..

Keywords: Community Radio 1; Fieldwork 2. Subjects 3.

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho é o passo inicial da pesquisa visando ao mapeamento regional das rádios comunitárias no Maranhão com o objetivo de elaborar um perfil dessas emissoras no que diz respeito às suas grades de programação e à gestão. A escolha dos dois aspectos - conteúdo e administração - pretende levantar e analisar informações sobre a concepção e a prática das rádios nos seus respectivos territórios e compará-los às finalidades do serviço de radiodifusão comunitária instituídos na legislação pertinente a esse segmento de comunicação: a Lei 9.612/98.

[16]Doutor em Comunicação, professor do Departamento de Comunicação da UFMA. E-mail: ed.wilson@ufma.br

A comparação entre o fazer cotidiano da comunicação comunitária e as diretrizes da lei servirá para dimensionar qualitativamente a ação das emissoras no contexto do escopo político-pedagógico da democratização da comunicação, sustentado pelo conjunto dos movimentos sociais reunidos no Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC), que tem entre as suas entidades constituintes a Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária (ABRAÇO BRASIL) e as suas respectivas afiliadas nos estados, incluindo a Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária no Maranhão (ABRAÇO-MA).

Assim, visualizamos a pesquisa com o objetivo de traçar um perfil regionalizado das emissoras no Maranhão diante do que dizem a legislação e os princípios do movimento social no qual as rádios comunitárias estão inseridas.

Nesse trabalho expomos apenas o percurso metodológico da pesquisa iniciada em uma das regiões pretendidas, o Litoral Ocidental, com ênfase no trabalho de campo junto às rádios comunitárias de Bacuri, Cururupu, Apicum-Açu, Porto Rico, Bacuri, Serrano e Mirinzal. As outras regiões na estrutura organizativa da ABRAÇO-MA são as seguintes: Alto Turi, Baixada Ocidental, Baixo Parnaíba, Central, Cocais, Médio Mearim, Sul, Tocantina, Munim-Lençóis, Campos e Lagos.

Os resultados serão posteriormente compilados e apresentados em outra etapa. Aqui interessa, especificamente, a construção do processo de pesquisa focado no trabalho de campo e as relações entre os sujeitos na produção de conhecimento. Sobre o trabalho de campo, sustentamos a perspectiva dialógica amparada na construção coletiva do conhecimento, tomando como base os subsídios de QUEIROZ (1983) e DUARTE (2009) sobre a técnica da entrevista. LOPES (2010) contextualiza a relação entre teoria e metodologia na produção do conhecimento científico. As contribuições de GRAMSCI (2001) evidenciam a potência dos sujeitos pesquisados na condição de intelectuais. O conceito de oralidade, enriquecido por ONG (1998) e NUNES (1993), guiam a compreensão da palavra falada como manifestação principal das revelações do campo.

A entrada no campo tem como referência a ação político-organizativa da Associação Brasileira de Rádios Comunitárias no Maranhão (ABRAÇO-MA), entidade criada em 1998 com as respectivas finalidades definidas no Estatuto: I. promover e

desenvolver a democratização da comunicação em todos os seus aspectos e instâncias; II. congregar nos seus quadros associativos as entidades de radiodifusão comunitária no Maranhão comprometidas com os princípios éticos da democracia; III. proporcionar aos associados a assistência técnica e jurídica necessária para que os mesmos possam exercer com qualidade e segurança o pleno exercício de suas atividades na sociedade; IV. promover junto à sociedade cursos, festividades culturais e sociais; V. levar às autoridades competentes propostas e subsídios, buscando a aplicação da democratização da comunicação; VI. desenvolver estudos e projetos na área das comunicações para seu desenvolvimento técnico; VII. representar os interesses dos associados; VIII. criar e manter centros de formação e capacitação técnica e profissional de nível básico, médio e superior; IX. buscar patrocínios, empréstimos e/ou financiamentos junto a organismos estaduais, nacionais e internacionais para atender aos seus objetivos e de suas filiadas.

Ao longo de 23 anos de existência, a ABRAÇO-MA obteve um relativo trânsito junto às emissoras comunitárias, fruto de variadas iniciativas pertinentes à sua natureza política e às finalidades estatutárias: congressos, seminários, palestras, encontros regionais, oficinas de capacitação, eventos em parceria com outras organizações, prestação de serviços na área de assessoria técnica e jurídica, atos públicos de defesa das emissoras em caso de repressão ou censura, produção de conteúdo jornalístico e educativo-cultural, fonte de pesquisa científica, entre outros.

Assim, a vivência como militante e dirigente da ABRAÇO-MA nos proporciona um amplo e permanente contato com as emissoras e as suas equipes, de tal forma que a entrada no campo é facilitada pela nossa referência pública de representante institucional da entidade e também como ministrante de cursos e oficinas de capacitação para os(as) comunicadores(as) ao longo de mais de duas décadas.

Embora tenhamos o acesso credenciado às emissoras, não podemos confundir ou deixar transbordar os papéis de pesquisador e dirigente no processo de pesquisa, correndo o risco de a atuação militante interferir no trabalho de coleta de informações, bem como da análise/interpretação dos dados e, consequentemente, na exposição da realidade concreta sobre o campo.

Consideramos relevante fazer essa diferenciação de papéis porque ao longo da vivência junto à ABRAÇO-MA observamos certa tendência do público externo de ver nas emissoras uma perspectiva romântica, harmoniosa e politicamente correta sobre o movimento de rádios comunitárias. Assim, militância e Ciência, embora tenham vínculos, precisam estabelecer algumas delimitações para evitar passionalidades e interferências excessivamente subjetivas na pesquisa.

2 O DIÁLOGO COMO FERRAMENTA NO TRABALHO DE CAMPO

A coleta de informações para a montagem do perfil das emissoras comunitárias ocorre de duas formas: 1 - por meio de entrevista semi-estruturada com os gestores e locutores das emissoras; 2 - nos eventos realizados pela ABRAÇO-MA, especificamente durante os encontros regionais. A entrevista mencionada utiliza um roteiro aberto para orientar o pesquisador.

> Seu objetivo está relacionado ao fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema. Deste modo, como nos estudos qualitativos em geral, o objetivo muitas vezes está mais relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas do que ao estabelecimento de conclusões precisas e definitivas. (DUARTE, 2009, p. 63)

Na entrevista com roteiro “o pesquisador de tempos em tempos efetua uma intervenção para trazer o informante aos assuntos que pretende investigar; o informante fala mais que o pesquisador” (QUEIROZ, 1983, p.47). A outra modalidade para a obtenção de informações é através dos encontros regionais, convocados pela ABRAÇO-MA para uma cidade-pólo de cada território, tendo a participação das emissoras dos municípios vizinhos. Geralmente ocorrem no período compreendido entre as noites de sexta-feira, estendem-se durante os sábados nos dois turnos e são concluídos no domingo, ao meio-dia. Durante esses eventos a programação em geral consiste em informes sobre o panorama político-organizativo do movimento de rádios comunitárias (nacional e estadual), orientações jurídicas e técnicas acerca do funcionamento das emissoras e eventuais demandas junto à burocracia da legislação

federal, compartilhamento de experiências de cada emissora e a coleta das demandas para a busca de soluções pela ABRAÇO-MA.

Além dos conteúdos formais pertinentes à dimensão político-organizativa, os encontros regionais são abertos com uma roda de conversa sobre a história resumida, a gestão, o conteúdo da grade de programação, assim como a situação atual de cada emissora. Nesse momento, o pesquisador instiga os participantes a falarem sobre as suas vivências cotidianas com o objetivo de conhecer a situação das rádios desde a sua origem até a atualidade, visualizando, no plano da pesquisa, formatar o perfil das mesmas.

Todos os eventos são realizados com a utilização de caixa de som amplificada e microfone. No momento inicial da roda de conversa as cadeiras dos participantes são disponibilizadas em círculo ou meia-lua e cada radialista toma o microfone para falar com base nos três aspectos sugeridos: origem da emissora, conteúdos veiculados, administração e condições atuais de funcionamento. Há uma indicação de tempo para cada participante falar por 10 (dez) minutos.

A disposição das cadeiras em posição circular é um dos meios de flexibilização da hierarquia entre os dirigentes da entidade e os radialistas, bem como entre os sujeitos da pesquisa. Circularidade espacial compreende uma forma de organizar os corpos e os olhares de tal forma que todos os participantes possam ver os demais e serem vistos, seja pela mobilização do olhar ou pelo deslocamento do som emitido do microfone para a caixa amplificada.

Ao longo da roda de conversa observamos a performance de cada participante para discorrer sobre os temas sugeridos. Eles incluem nos relatos a caminhada no rádio, as suas aspirações, as realizações como locutor e a satisfação de estar na condição de protagonistas de uma emissora. Percebemos nesse recorte o glamour na posição ocupada no contexto do município; ou seja, como os(as) radialistas são visibilizados(as) nas suas respectivas cidades. O *status* de comunicador(a) é significativo para os participantes e percebemos a motivação deles(as) para registrar essa relevância na roda de conversa.

3 QUEM PESQUISA QUEM?

Em ambos os casos (entrevista semi-estruturada e roda de conversa) o trabalho de campo consiste na aproximação entre os sujeitos da pesquisa, de tal forma que as informações obtidas emanam do processo de diálogo. A horizontalidade proporcionada pela disposição espacial circular das cadeiras proporciona a troca de olhares e a visualização dos corpos tocados também pelo som emanado da caixa amplificadora, de tal forma que os sentidos dos participantes são mobilizados tanto pela acuidade visual quanto acústica.

Outro aspecto a destacar é a relativa informalidade da roda de conversa, mas sem perder de vista a objetividade do trabalho de pesquisa. O diálogo estabelecido na dinâmica da conversação acaba fluindo com variados níveis de subjetividade pertinentes à própria característica dos locutores empunhando o microfone com as suas vozes amplificadas na caixa de som. Cabe observar, no entanto, que a informalidade não pode extrapolar as fronteiras do rigor científico da pesquisa. A busca de informações qualitativas é um processo de objetivação e subjetivação que, posto diante da teoria, produz o conhecimento da realidade.

> Noutras palavras, a objetividade seria encarada então como um processo a que é submetido um objeto, um fenômeno, uma sucessão de acontecimentos, quer se desenrolem na realidade exterior aos indivíduos, quer sejam por estes interiorizados; descrevendo-os, verificando-os experimentalmente quando possível, reintegrando-os numa nova síntese, trazendo-os do particular ao geral, estará o pesquisador operando para obter novos conhecimentos, dando um novo sentido ao que se conhecia até então somente pelo senso comum. (QUEIROZ, 1983, p.40)

Dessa forma, rompe-se a fronteira entre “sujeito” e “objeto” e entra em curso a construção de um protocolo metodológico para a obtenção de informações em que todos são sujeitos participantes do processo de pesquisa. O ambiente coletivo gerado na roda de conversa é uma forma de estimular a fala. Nessa perspectiva, a potência da oralidade cria as condições de trânsito das informações em um fluxo contínuo de produção de conhecimento passado de boca a boca, através das narrativas dos participantes, contando as suas respectivas trajetórias de comunicadores(as) e o percurso na emissora.

A roda de conversa constitui uma rede de circulação de conhecimento fertilizada pela dinâmica da palavra falada em narrativas diversas que se

des(encontram) no caminho da prática cultural da comunicação comunitária através do rádio. Mesmo quando o(a) participante extrapola o tempo estipulado de 10 (dez) minutos para fazer a sua exposição, a coordenação da roda de conversa não “corta o microfone”, apenas avisa que o tempo previsto está sendo extrapolado e solicita a conclusão do relato.

Na roda de conversa não há posições distintas hierarquizadas entre os integrantes. O pesquisador, na condição de mediador do evento, observa as falas dos locutores como um espaço de conhecimento sobre a realidade vivenciada em cada emissora, sem fazer intervenções no sentido de podar os relatos.A técnica de pesquisa adotada valoriza o momento da colheita de informações sobre a vivência cotidiana das rádios, o seu fazer diário, as suas conquistas, dificuldades, embaraços, superações e a relação com a audiência. Assim, a construção metodológica compreende a roda de conversa como um espaço coletivo de produção de conhecimento. Embora haja uma distinção entre as posições ocupadas – dirigentes da ABRAÇO-MA e radialistas, a roda de conversa busca estabelecer o máximo de horizontalidade entre os participantes.

A caminhada de construção do conhecimento implica em ações teóricas (explicitação conceitual do objeto), metódicas e técnicas. Ao entrar no campo, o pesquisador pisa em um terreno enriquecido pelo saber dos pesquisados e desse encontro entre a teoria e o trabalho empírico nasce o conhecimento científico. Assim, a metodologia é intrínseca a todas as etapas da pesquisa. O próprio exercício da fala aberta, a franquia da palavra no ambiente de circularidade, de posse do microfone, empodera o participante no mesmo nível do dirigente, de tal modo quea função de intelectual tem evidência.

> [...] não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens.* Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um —filósofo, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para suscitar novas maneira de pensar [...] (GRAMSCI, 2001, p.53).

ONG (1998) e NUNES (1993) discorrem sobre a oralidade primária relacionada ao som desde o choro da criança ao nascer, passando pelas outras formas de vínculos com o universo acústico ainda na era do homem primitivo que emitia ruídos para se

comunicar na ausência total da escrita. “Numa cultura oral, a redução das palavras a sons determina não apenas os modos de expressão, mas também os processos mentais.” (ONG, 1998, p.44.), evidenciando a potência da relação entre falar e ouvir intrinsecamente associadas ao movimento, ação e poder da palavra. O autor posiciona a oralidade primária no sentido coletivo da tribo, quando a conversação mediada pela figura do ancião dimensiona a coesão social. Nesse sentido, a conversação agrega e reforça os laços de identidades no contexto das narrativas orais, enfatizando o poder da fala.

> O valor mágico outorgado à palavra pelas culturas orais primárias, aquelas que desconhecem a escrita, pois a palavra falada é animada por um poder e confere poder sobre as coisas. A palavra é manifestação e apreensão da realidade. (NUNES, 1993, p.101)

O trabalho de campo consiste em articular os sujeitos de modo a permitir a sua efetiva inserção no processo de produção de conhecimento, denotando interpelar no sentido de instigar, questionar, convidar, acolher, trazer para dentro da roda. Nesse contexto, o pesquisador e o pesquisado constituem dupla fonte de alimentação da realidade.Equipado com o arcabouço teórico-metodológico, o pesquisador vai a campo fazer o encontro de saberes, parte das etapas de produção do conhecimento científico.

Assim, as emanações do campo fertilizam o terreno teórico. O conhecimento acadêmico não é algo dado previamente para ser aplicado à realidade. A explicação do real ocorre em uma dimensão dialética de acomodação entre a teoria e o campo, ou de conflito entre os equipamentos teórico-metodológicos e a realidade, quando esta se apresenta para adubar o terreno teórico e alimentar a pesquisa com novas descobertas.

4 CONCLUSÃO

Embora seja um relato inicial sobre o trabalho de campo, este artigo reflete sobre a importância da produção coletiva de conhecimento junto aos comunicadores populares das emissoras comunitárias mencionadas. Alguns aspectos merecem ênfase e apontamentos de síntese. Um deles diz respeito à entrada no campo. Neste

caso houve relativa facilidade, considerando o trânsito do pesquisador junto aos pesquisados. A confiança mútua gerada por vários anos de atuação junto ao movimento de rádios comunitárias no Maranhão estabelece um relativo vínculo entre os sujeitos da pesquisa.

Acentuamos, no entanto, que a ação militante não pode sobrepor à atividade da pesquisa. Os critérios teóricos e metodológicos são fundamentais para a obtenção dos resultados e discussão que tragam a realidade à tona com as suas contradições, sem a interferência de eventuais passionalidades pelo objeto.O artigo apresenta a roda de conversa como uma técnica de pesquisa que evidencia a participação coletiva dos sujeitos no processo de obtenção de informações. No contexto da metodologia, a conversação, inspirada na prática cultural da oralidade, apresenta vantagens e limites.

Entre os benefícios ela constitui um exercício conjunto de obtenção de informações no ambiente coletivo, ensejando um somatório de relatos diferenciados sobre cada emissora, apesar de haver elementos comuns entre elas. A roda de conversa é percebida como espaço colaborativo em que os participantes se reconhecem como integrantes de uma comunidade que compartilha as suas semelhanças, contradições, diferenças, vitórias, conquistas, disputas, divergências. Portanto, é necessário reiterar a visada não romântica sobre as rádios comunitárias, visto que essas emissoras estão situadas em contextos de poder local, regional e nacional, influenciadas pelos campos político, econômico, religioso com relativa interferência nos meios de comunicação no município, lugar específico de atuação das emissoras comunitárias.

Diferente da técnica da entrevista semi-estruturada, com roteiro e individualizada, a roda de conversa, pela sua característica difusa da conversação e o tempo limitado, pode não ser a técnica mais adequada para o aprofundamento necessário do diálogo entre pesquisador e pesquisado.

Dessa comparação entre a roda de conversa e a entrevista semi-estruturada resulta a riqueza da concepção da metodologia como um processo dinâmico. Os ensinamentos do trabalho de campo servem para refletir sobre a práxis do pesquisador, de modo que o aprendizado é permanente. As técnicas de pesquisa precisam passar por um permanente processo de monitoramento, avaliação e

revisões, quando necessário, fazendo adaptações e ajustes no planejamento dos instrumentos de trabalho. As ferramentas, quando não adequadas, precisam ser reparadas ou trocadas, de modo que a produção do conhecimento obtenha eficácia.

O pesquisador, dotado dos seus instrumentos de investigação para entrar no campo e colher os dados, na verdade é também um semeador. A colheita implica semeadura. Dialeticamente pensados, os sentidos e plantar e colher encaixam na relação entre os sujeitos da pesquisa.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade**.** In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere:** os intelectuais; o princípio educativo; jornalismo. 2. ed. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação.** São Paulo: Loyola, 2010.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. **O mito no rádio:** a voz e os signos de renovação periódica. São Paulo: Annablume, 1993.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita:** a tecnologização da palavra. Campinas: Papirus, 1998.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva.** São Paulo: CERU / FFLCH-USP, 1983.